

ALDEBARAN

Conto de JULIO SAYÃO CARDOZO — (Ponta Grossa)

Entrei na cela 94 do Hospício. A cama de ferro, a mesa e o banco, eram todo o mobiliário. Nas paredes caídas de branco, havia, apenas, um crucifixo e um desenho a carvão, representando uma espécie de constelação, onde sobressaía uma estrela de grandes proporções.

O demente não pareceu notar a minha entrada: estava com os olhos fixos no céu, tocava harpa nas grades da janela e cantava a mais exótica canção que já ouvi. Era uma extravagante melodia, que tomava um cunho surrealista, cantada naquela voz de baixo profundo.

Parando de cantar, lançou em volta um olhar altivo e me viu. Veio, então, para mim, com ar humilde.

Era um rapaz de trinta anos, estatura mediana, franzino, pálido, cabeça grande e queixo proeminente. Tinha a testa recuada e os cabelos escassos. Por baixo das sobrancelhas negras e espessas, brilhava um olhar profundo e inteligente, embora patético. O nariz curto e encurvado, qual bico de coruja, dava-lhe ao rosto uma expressão feroz, avivada pelos lábios finos e duros. Trajava o uniforme zurite dos internados e, no peito pouco saliente, trazia um número em algarismos negros: 847.

— Outro médico que me vem examinar! — disse ele, com um sorriso triste.

— Não sou médico, — respondi — vim, apenas, conversar um pouco...

— Está bem... Todos dizem o mesmo e eu me conformo... Indicou-me o tamborete:

— Sente-se, por favor. Todos me chamam louco!... Se ainda não me revoltei, é porque tenho, aqui, sossego bastante para escrever!...

— E mostrou-me, com um gesto, muitas folhas de papel, espalhadas pela mesa.

— E que escreve o senhor? — perguntei.

— Versos, divagações...

Tive uma irresistível vontade de ler os frutos daquele cérebro desequilibrado.

— Então é poeta? — perguntei.

— Sou e não sou!... Isso depende das interpretações... O senhor entenderá, ouvindo a minha história...

— Ah! Então o senhor tem uma história!?

— E quem não a tem? A história de um homem é a história de todos os homens: um sofrimento mais ou menos intenso, mais ou menos longo, mais ou menos doloroso...

Parou de falar e, por alguns segundos, olhou vagamente para o Cristo de ferro, suspenso na parede. Depois, como se acordasse subitamente, apontou-me, com um gesto dramático, o desenho a carvão:

— Está vendo aquela constelação? Ali está o olho do "Touro", a estrela Aldebaran! O senhor, decerto, não conhece a lenda do aparecimento dessa estrela!?

— É verdade, não a conheço.

— Eu contarei, então: num país distante e há muito tempo, um jovem poeta, chamado Aldebaran, tomou-se de amores por uma princesa de grande beleza. Esse amor, embora correspondido, era considerado proibido e criminoso, razão pela qual, foi o moço condenado à morte. Um sorriso triste e resignado, foi o seu último adeus à vida e seus encantos.

"A noite, os sábios astrôno-

mos verificaram o aparecimento de mais uma estrela.

"A princesa, julgando ver no intenso brilho do astro o sorriso do seu amado, exclamou comovida:

— Essa estrela há de se chamar Aldebaran!...

O louco parou de falar.

Quedei-me pensativo, sem saber onde queria chegar o meu narrador. Seria sua alucinação a de se julgar o tal poeta antigo? Esperei que o jovem se resolvesse a continuar.

Depois de alguns minutos de silêncio, o 847 voltou-se bruscamente:

— O senhor está tentando adivinhar como veio parar, num hospício moderno, um poeta morto num país antigo e distante! Não se preocupe, que eu explicarei!

"Minha existência estelar, aquela vida brilhante de astro de primeira grandeza, não me agradava. Eu queria voltar à Terra; queria gozar, novamente, o voluptuoso sofrimento de ser Homem.

"Havia no Mundo um rapaz simples, que estudava Direito. Todos o consideravam um gênio, embora ele nada mais fosse que um modesto talento. Chamava-se Miguel.

"Um dia — triste dia — conheceu Marlene. Era uma esplêndida morena de olhos negros e vivos, que tinha o imperdoável defeito de ser mulher. Mas era linda e ele amava a Beleza.

"Marlene, ao que parece, não lhe era indiferente; creio, mesmo, que o amava. Não, decerto, pelo seu físico (ele sempre fora feio), mas pelas belas cousas que lhe dizia, pelos lindos versos que lhe escrevia e que eram sua própria alma traduzida em letras, em palavras, em frases, em poemas...

"Nada dei das juras que trocavam; não falei dos projetos que faziam...

Tudo na vida, meu amigo, tem um fim. E a felicidade do pobre moço teve também o seu: Marlene preferiu outro rapaz que só fisicamente era superior a Miguel... Mas, que quer? — As mulheres são assim mesmo! Preferem aquilo que lhes impressiona a vista...

... e o rival do futuro advogado era, realmente, algo que impressionava pela correção de suas linhas, pela elegância de suas atitudes, pela majestuosidade de seu porte. As mulheres... as mulheres! Ah! se eu pudesse castigá-las, a todas, pelo crime de uma só!...

"Sabe, senhor? Quando a gente é preterido por outro homem evidentemente inferior, há um alívio no ciúme; e a vingança é um sorriso de desprezo. Mas quando o rival tem alguma superioridade, como a elegância, a graça, a beleza, então a tortura não tem limites e há um inferno no nosso peito!...

"E foi esse inferno que torturou Miguel, quando Marlene lhe foi dizer o que ele já desconfiava, mas temava em não querer acreditar.

"— Miguel, — disse ela, — tenho uma cousa muito importante a lhe dizer...

"— Diga! — respondeu ele. — Tudo o que você fala me vai direito ao coração!

"— Sei disso, Miguel. Essa é a razão por que temo dizê-lo.

"Miguel teve um sobressalto, vendo que Marlene estava realmente embaraçada. Ocul-tou, seu desassociação, tentando gracejar:

"— Dar-se-á o caso de que não mais me ame?

"Marlene empalideceu e balbuciou palavras imperceptíveis. Depois, como que tomando uma resolução, levantou a cabeça desafiadoramente e deixou cair, uma por uma, as palavras terríveis:

"— É verdade: já não o amo. Creio, mesmo que nunca o amei. O que senti por você, foi uma espécie de entusiasmo pela sua inteligência, nada mais. Agora, porém, verifiquei que meu coração, minha vida, pertencem a outro, a quem amo verdadeiramente.

"O jovem estudante sentiu uma onda de ódio envolver-lhe a cabeça, fazendo-lhe ver tudo vermelho. Calado, virou-se e caminhou, cambaleante, para casa. "Durante o trajeto, havia um vulcão de pensamentos confusos em seu cérebro.

"Uma idéia, contudo, permanecia fixa, na tempestade interior que o abalava: matar!

"— Ela não será minha, — pensava ele, — não será de mais ninguém!

"Ir em casa, apanhar um revólver e voltar, foi obra de poucos minutos.

"Na residência de Marlene, o criado introduziu-o na sala de visitas.

"Ela estava só e tocava, ao piano, uma valsa qualquer de Chopin.

"Miguel não lhe deu tempo: sem dizer palavra, tirou a arma do bolso.

"Teve tempo de ver, antes de dar ao gatilho, um olhar de terror... teve tempo de ouvir um grito de aflição: — Meu Deus!

"Ainda não se dissipara o fumo, ainda não se perdera o eco, quando um segundo tiro soou: Miguel metera uma bala na cabeça!...

"Na escuridão profunda que o envolveu, o infeliz sentiu a estranha e excitante sensação da morte. E, no fundo da tenebrosa noite, Miguel viu uma estrela sorrir um sorriso pálido, sorriso que foi aumentando, até escalar numa gargalhada de luz.

"Eu, Aldebaran, eu, a estrela, arrebatei-o, antes que ele se perdesse pelos espaços sem fim.

"Muito espantado, o suicida achou-se em minha frente.

"— Quem é você? — perguntou.

"— Sou Aldebaran, uma estrela que foi homem... — respondi.

"— Tú sofreste, — continuei, — mas teu sofrimento acabou com a tua morte. Agora, segundo a lei muito antiga (que não conhecias) da Transformação Universal, tú serás uma estrela perdida no Universo.

"— Ao menos não sofrerei! — exclamou.

"— Sim, não sofrerás dores físicas, mas terás, como tenho, o irresistível desejo de voltar ao Mundo.

"— Não o terei! Saí da vida porque quis! Nunca voltaria!

"— Pois tú és a minha oportunidade. Ao invés de ficares eternamente esquecido como uma insignificante estrela, trocarás comigo: tú serás Aldebaran e eu serei homem, usando o teu corpo. Queres?

"— Aceito. Nada perco com isso...

"E foi assim que Miguel passou a ser eu... e eu passei a ser Miguel...

"A princípio, eu estava re-

solvido a usar o nome, juntamente com o corpo.

"Logo que abri os olhos de minha nova morada, compreendi a gravidade da minha situação. As dores que me torturavam, mostravam-me o desesperado estado em que estava minha cabeça.

"Mas — cousa estranha — eu não estava bem certo de minha identidade!... — Seria eu, o mesmo Miguel, vítima de uma alucinação, ou seria, realmente, o Aldebaran?

"E, nesse mudo desespero, passei longo período de convalescença (afirmam que fui salvo pela perícia do cirurgião...).

"Assim que me vi fora do hospital, fui preso por homicídio.

"Durante o julgamento, a acusação deixou-me tonto: que horrível era o meu crime!... — O meu crime, não! O crime de Miguel!... Seria justo que eu sofresse por um crime que não pratiquei? — Não! Mil vezes não!!!

"Resolvi, então, fazer a minha própria defesa. Contei tu-

do. Empolguei o auditório com a minha eloquência! Fui soberbo! Fui admirável!...

"Da sensação causada pela minha defesa, resultou a suspensão do julgamento.

"Fui submetido a um exame e o médico achou que a bala provocara, no meu cérebro, uma incurável lesão. Resultado: fui recolhido a um manicomio judiciário!...

"Veja o senhor o que é a Humanidade! Os mistérios são considerados "dogmas de fé" ou loucura!...

Saí da cela 94 do Hospício. A história daquele louco — (seria, mesmo, louco?) — deixara-me pensativo...

Recordei um de seus versos:

Silêncio!...
Sim, o silêncio!...
Deixai-os dormir!...
Tocam a reunir
e é só!...
É o silêncio do sono eterno,
daqueles que lutando
por um ideal que é tudo,
no Nada mergulharam!...